

Amazônia

Uma gaúcha vive o drama das tribos em extinção

Minha experiência junto à tribo indígena dos Matis iniciou-se no dia 18 de setembro de 1982, quando eu, aluna do décimo semestre da Faculdade de Medicina da UFRGS, e o professor Jorge Hauschild, médico pediatra, ambos pertencentes à Equipe 116 do Projeto Rondon no Campus Avançado do Alto Solimões, da PUC-RS, em Benjamin Constant, Amazonas, nos deslocamos de hidroavião até o Posto Indígena de Atracção (PIA) "Itui", da Funai.

O motivo do deslocamento foi a solicitação, por parte da Funai, de assistência médica à tribo dos Matis, sobre a qual se abatera um surto de gripe. A previsão inicial foi de retorno no mesmo dia, pois desconhecíamos então que a sede do PIA "Itui" não está instalada na tribo dos Matis, e sim na dos Índios Marubos, distante duas horas de barco. Ao chegando, contatamos com o pessoal da Funai, que havia descido o rio Itui desde a tribo dos Matis, trazendo os casos por eles considerados como os mais urgentes. Foram atendidos dois de bronquite, tratados com antitérmico, descongestionante nasal e antibioticoterapia parental, e um de abortamento recente, sem alterações dignas de nota ao exame ginecológico.

Dentre os índios Marubos, foram examinados três casos de infecção de vias aéreas superiores; tratados com antitérmico, descongestionante nasal e antibioticoterapia oral e um caso sugestivo de tuberculose pulmonar, estando a paciente em mau estado geral.

Como a tribo dos Matis situa-se a duas horas de viagem da sede do PIA "Itui", será impossível prestar atendimento e retornar no mesmo dia. Frente à situação de emergência relatada pelo pessoal da Funai e à necessidade do retorno imediato do pediatra, decidi permanecer e prestar assistência médica aos Matis.

Cheguei à tribo aproximadamente às 16h30min, lá encontrando aportado o barco "Vui-ata-in", da Funai, com sete tripulantes.

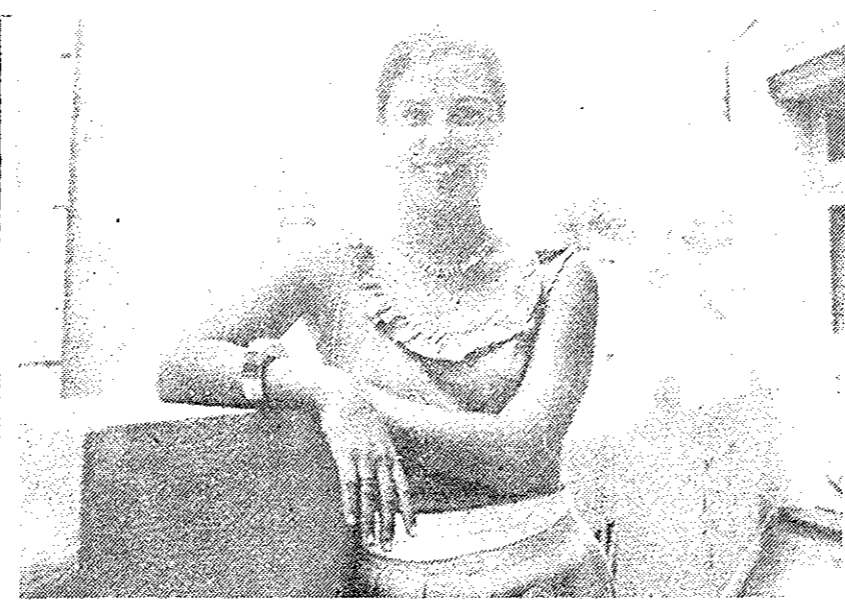
Marcia Silveira Graudenz, que cursa na UFRGS o sexto ano de Medicina, viveu, no final de 82, uma experiência dramática e fascinante, ao levar assistência profissional e conviver por vários dias com os Matis, uma tribo perdida nos confins da Amazônia e que caminha para a extinção.

No depoimento que aqui publicamos ela narra, na primeira parte, o trabalho médico que desenvolveu como integrante do Projeto

Destes, dois eram chefes-de-posto, um, atendente de enfermagem, e os demais, trabalhadores braçais. Iniciei prontamente o atendimento médico fazendo a primeira visita à comunidade. Encontrei os índios na grande maioria prostados, febris e anoréticos. O atendimento foi realizado com o auxílio do atendente de enfermagem da Funai, Odinor Garcia da Silva, que servia também como intérprete. Eram feitas diariamente duas rondas por toda a tribo. Aqueles que apresentavam sintomatologia eram submetidos a exame clínico geral e medicamentos. O único aparelho disponível para investigação semiológica era o meu estetoscópio, e as drogas utilizadas restringiam-se, de início, à reduzida farmácia lá encontrada.

Uma epidemia de gripe atingia toda a população. A maioria apresentava febre, cefaléia, tosse com expectoração purulenta, coriza, dor ventilatória-dependente, e a diarreia generalizava-se.

A prostração geral, aliada à inexistência de plantio no local, determinava rapidamente a escassez de alimentação. Por ocasião das visitas, encontrava os índios



Marcia Silveira Graudenz

os deitados nas redes de tucum (esticadas em diversos níveis no tapiri), rodeados de pequenos braseiros espalhados pelo chão de terra batida. Logo que um dos Matis sentia-se mais forte saía em busca de alimento e ia banhar-se no rio, costume muito frequente entre eles.

No quarto dia a partir da instituição do esquema terapêutico, teve início uma melhora progressiva no estado geral da comunidade, sendo que até o dia 23 de setembro de 1982 a situação foi contornada sem nenhum óbito registrado.

Dentre os 87 Matis atendidos no período compreendido entre os dias 18 e 23 de setembro, encontrei inúmeros casos de febre, cefaléia e mialgia; cinco casos de pneumonia bacteriana; inúmeros casos de infecção de vias aéreas superiores; inúmeros casos de vômitos e diarreia; dois casos de vulvovaginites; um caso de candidíase oral; um caso de "Tinea corporis"; um caso suspeito de malária.

A terapêutica específica e sintomática empregada nos diversos casos baseou-se unicamente no quadro clínico, frente à inexistência de qualquer método de comprovação diagnóstica.

Tendo em vista a insuficiência de medicação específica, foi solicitada à Funai a remessa de maiores recursos terapêuticos, os quais foram recebidos em 23 de setembro. Neste mesmo dia deixei a tribo Matis às 12h30min, seguindo até a sede do PIA "Itui", de onde fui transportada de hidroavião até Atalaia do Norte, sede da Ajustol (Ajudância do Solimões). Lá fiz meu relatório de trabalho, retornando ao Campus Avançado da PUC em Benjamin Constant no dia 24 de setembro de 1982.

Rondon e após como membro da equipe da Fundação Cousteau. Na segunda descreve os costumes singulares dos índios que a hospedaram, permanentemente sob o espectro das doenças transmitidas pelos brancos.

Dessa vivência resultou para Marcia uma opção, definitiva: especializar-se em Medicina Tropical e dedicar-se aos nossos deserdados irmãos da selva.

Matis, havia vinte brancos no local, somados o pessoal da Funai, Rondon e Cousteau. Neste período desloquei-me até a sede do PIA "Itui" por dois dias, e observei, ao retornar, que o estado geral da comunidade indígena havia declinado. Além da exacerbação da sintomatologia já descrita, foi diagnosticado um caso de otite média aguda. Este fato denota a fragilidade imunológica desta população frente aos microorganismos transportados assintomaticamente pelos brancos, já que não foi registrado nenhum atendimento médico aos membros das equipes presentes, exceto dois atendimentos cirúrgicos ambulatoriais a dois trabalhadores da Funai, devido a ferimentos corto-contusos.

Nesta etapa, foi observado um número crescente de casos de impetigo estreptocócico, originados a partir de picadas de piom, mosquito hematófago abundante em beira de rio. Os Matis, originalmente índios de centro da mata, onde inexistem tais insetos, estão despreparados para enfrentar tal agressão ambiental. Os Matis foram trasladados de sua tribo original no centro da mata para a beira do rio Itui, este ano, pela

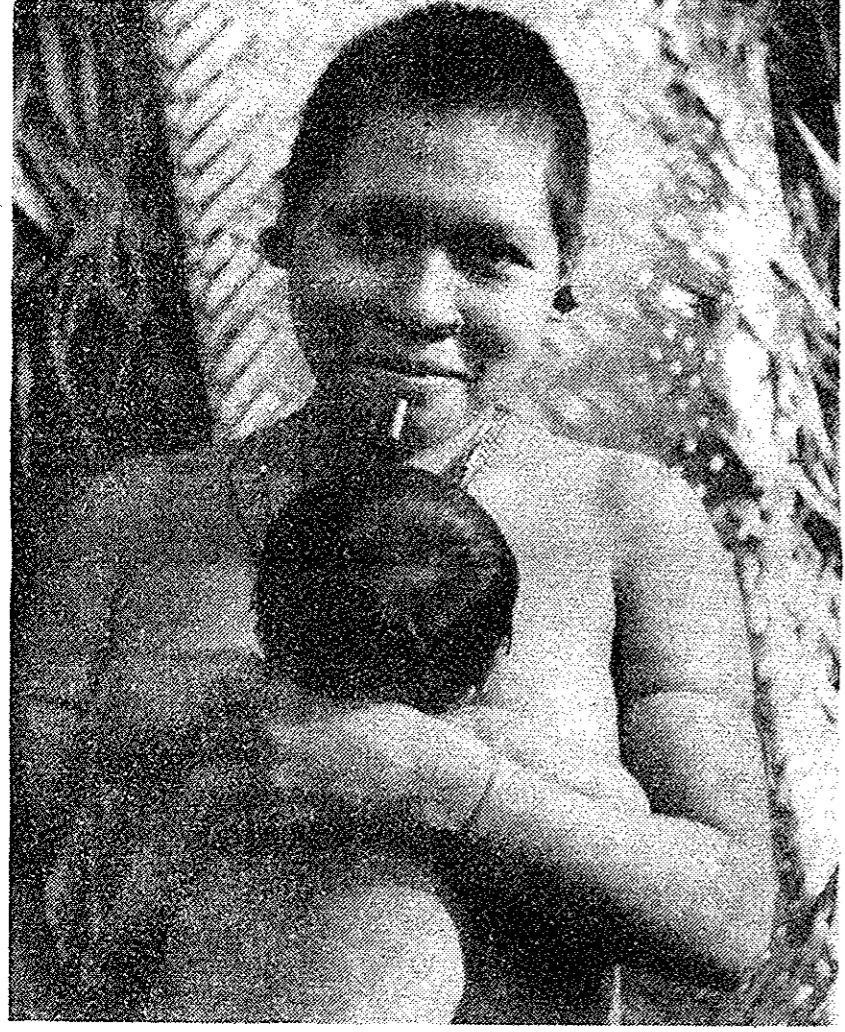
Funai, devido aos problemas de saúde destes índios. O problema dos mosquitos adquiriu, entretanto, tamanha dimensão, que a sede da tribo deverá ser novamente deslocada, a curto prazo, para longe do rio.

Surgiram ainda dois casos suspeitos de malária, sem possibilidade de confirmação diagnóstica, os quais tratei com o único antimalárico disponível — Fansidar, da Roche.

Com a chegada dos medicamentos enviados pela Funai, foi montada uma pequena farmácia e deu-se início à instalação de uma unidade ambulatorial acoplada. O ajudante de enfermagem da Funai muito colaborou na execução do esquema de atendimento médico; o bom relacionamento que mantém com os Matis facilitou o meu trabalho, agilizando-o. Atualmente, ele é o único agente de saúde permanentemente no local.

As atividades da equipe Cousteau envolveram filmagem, fotografia e entrevistas com os índios Matis e com o chefe da Ajustol. Documentaram os índios na sua rotina diária e nas atividades de caça e pesca de igarapé, com a utilização de uma raiz tóxica denominada timbó. Os Matis, a princípio arredios, cooperaram para o sucesso da realização do documentário, o que determinou o seu bom andamento. O trabalho da equipe Cousteau foi encerrado no dia 9 de outubro, quando partiu a bordo do "Anaconda".

No final da minha estada entre os Matis, eles apresentaram nova melhora em seu estado geral, havendo ainda casos esparsos de cefaléia, febre e diarreia. Não foi registrado nenhum óbito até doze de outubro, dia no qual deixei a tribo Matis em direção a Atalaia do Norte, a bordo do barco "Marubo", da Funai. Em 16 de outubro redigi relatórios sobre o meu trabalho, na sede da Ajustol, retornando ao Campus Avançado da PUC no dia 15, final de minha atuação.



Cada mulher tem três companheiros

A tribo dos Matis conta atualmente com oitenta e sete membros reunidos na margem direita do rio Itui, próximo ao igarapé Boeiro, no Estado do Amazonas. Acredita-se que a população inicial fosse de aproximadamente duzentos indígenas. Mas essa vem sendo progressivamente dizimada por sucessivas epidemias de gripe, que tiveram início com o primeiro contato branco feito por Pedro Oliveira Coelho, em 1976. Desde então, morreram cerca de 120 índios, deixando um bom número de viúvas e órfãos. Hoje a população é eminentemente jovem, na faixa etária dos vinte aos trinta anos.

Os Matis constituem uma sociedade de organização matriarcal. Atualmente, quem detém o poder político da tribo é uma mulher, o membro mais idoso de toda a comunidade. Ela assumiu a liderança após a morte de seu marido, anteriormente chefe dos Matis. O comando masculino assume importância em tempo de guerra, porém é das mulheres o poder de decisão estratégica. Cada uma possui dois maridos e um terceiro companheiro, com os quais mantém relações sexuais. Todos coabitam no mesmo tapiri, estando as redes de tucum dispostas espacialmente de acordo com o "status" de cada membro desta unidade familiar: a rede da mulher no andar de cima, a de um marido ao lado da rede da mulher. Os homens são monógamos.

Meu contato com os Matis sem-

pre foi feito por intermédio das mulheres. Eram elas que se dirigiam a mim, traziam os doentes, falavam e inquiriam constantemente sobre a minha condição de mulher; perguntavam se eu não tinha marido e filhos. Minhas respostas negativas não as satisfaziam. Certa noite, durante um atendimento, estávamos eu e o enfermeiro Odinor sentados de maneira idêntica, com as pernas fletidas e os braços enlaçando os joelhos, quando uma delas me perguntou: "Se és mulher, por que sentas como homem?" Sem saber o que responder, a índia aproveitou a minha indecisão e embaraço para solicitar que eu provasse que era mulher; queriam ver se eu tinha pêlos e órgãos genitais iguais aos delas. Levantei-me, retirei o abrigo, e, na frente de todos os presentes, fui cuidadosamente examinada pelas índias, que ainda exigiram que eu mostrasse os seios. Deram-se por satisfeitas, elogiando-me por mostrar o corpo e por não ser como as índias da tribo dos Marubos, que escondem o corpo (as índias Matis andam totalmente nuas). As mulheres Matis são muito marcantes, sendo inclusive o seu tom de voz mais alto e o ritmo da fala mais rápido do que os dos homens da tribo.

DIVISÃO DE TAREFAS

Lá, no entanto, em nenhum momento existe superposição dos papéis masculino e feminino. Cada um possui um comportamento codificado e bem estabelecido, desde a divisão de tarefas até a diferença no modo de cruzar as pernas.

Entre os Matis, o poder é da mulher

As mulheres cuidam dos filhos, da alimentação, do plantio e da manufatura de utensílios domésticos. Aos homens cabe a manufatura das armas, a atividade de caça, a construção das habitações, e o ato de guerrear, se necessário.

No artesanato dos Matis encontram-se arcos, flechas, zarabatanas feitas com madeira e resina; recipientes moldados a partir de uma mistura de barro e depois cozidos no fogo; estes utensílios domésticos apresentam, nas bordas, sulcos paralelos e perpendiculares, cujo número e arranjo identificam a autora da peça.

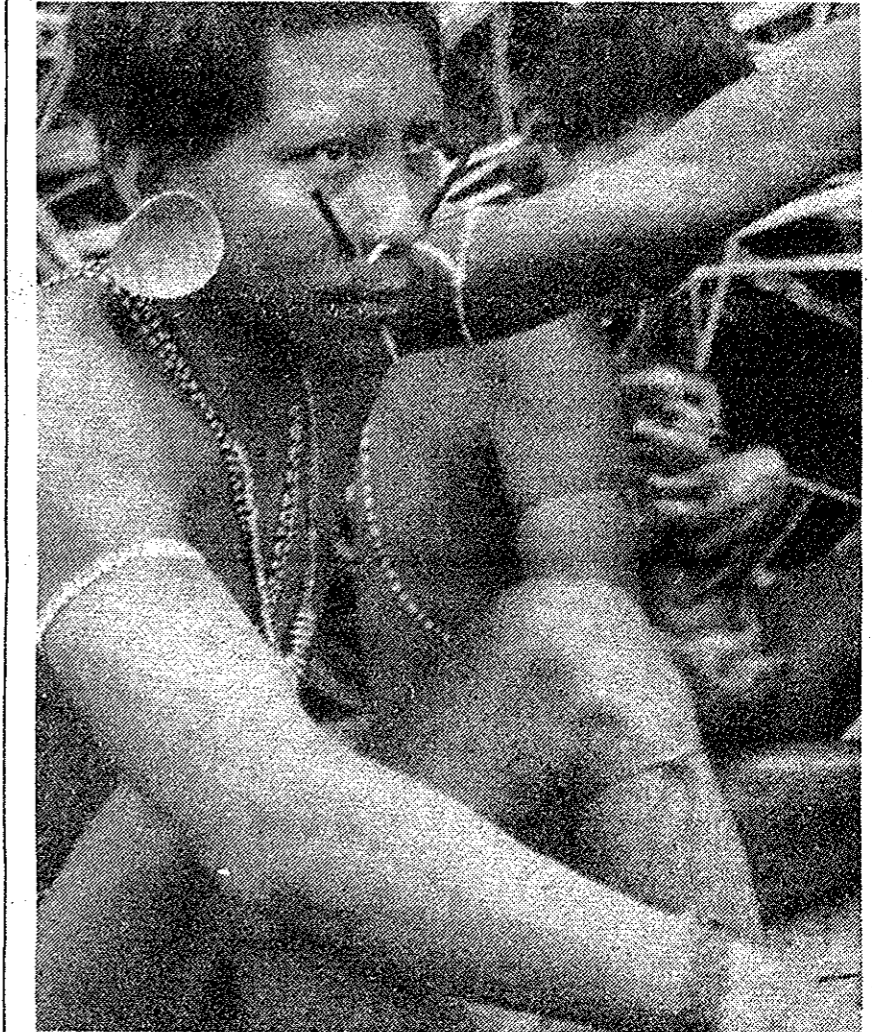
As habitações — os tapiris, são estruturas de pilares de madeira recobertas por um trancado de folhas de cocão. Seu interior é dividido por travessões horizontais, de forma que, em cada subdivisão, habita uma família. Dormem em redes de tucum, amarradas em diferentes alturas.

Quanto à subsistência, no momento carecem de terra cultivada, devido ao recente deslocamento de sua comunidade, promovido pela Funai. Os principais produtos

agrícolas são a macaxeira, a pupunha, o milho e a banana. Esta última comem-na assada, cozida ou sob a forma de um delicioso mingau. A principal fruta é o buriti, de casca rígida e polpa fibrosa, o que determina um acentuado desgaste dentário nos índios.

A caça inclui a quelxada, a anta, o macaco-preto (coatá), o macaco-barrigudo, a arara, o mutum, o nambu, o jacu e o cujubim. As armas utilizadas são o arco e a flecha e a zarabatana, sendo que as setas destas são preparadas com um veneno extraído de um cipó. Utilizam, também, armas de fogo cedidas pelo pessoal do posto da Funai, e armadilhas para animais de grande porte.

Os índios Matis possuem a tez clara, mantêm os cabelos aparados e fazem uso de ornamentos corporais. Inserem finos estiletes de pataú nos orifícios das asas do nariz, e estiletes mais grossos, também de pataú, em orifícios maiores feitos no sulco nasogeniano. Estes ornamentos são usados somente pelos homens. Nas orelhas, os homens apresen-



Homens usam enfeites de várias espécies

tam brinco de placa côncava feitos de conchas de caramujos acopladas a uma vareta que atravessa o lóbulo.

Homens e mulheres inserem um pau de taboca na região mentoniana. Entretanto, já se observam crianças sem qualquer perfuração, talvez devido aos novos padrões brancos que vêm sendo sutilmente introduzidos. Pendurados ao redor do pescoço ou cruzados no peito, homens e mulheres usam colares de contas de coco, de cor preta e avermelhada, e colares de dentes de macaco. Acrescente-se ainda a tatuagem facial, à base de jenipapo, e a pintura corporal com urucu.

O vestuário e o açúcar vêm sendo gradativamente introduzidos no meio indígena pelos brancos. Atualmente, a grande maioria dos homens veste calções ou cuecas. Entre as mulheres, são raras aquelas que utilizam alguma peça do vestuário, já que é praticamente inexistente a influência de mulheres brancas. As crianças também andam nuas. Os alimentos cariogênicos e o vestuário são cada vez mais cobijados pelos silvícolas.

A principal fonte de vetulação de doenças para os Matis constitui-se, atualmente, no próprio pessoal da FUNAI presente na área. O problema se inicia pela inexistência de uma assistência médica organizada e continua para os trabalhadores das frentes de atração indígena. Estes circulam livremente pelas comunidades, por vezes portando moléstias contagiosas, contra as quais os índios não

possuem qualquer resistência. Foi testemunha do contato de um trabalhador braçal, portador do mal de Hansen na forma infectante, com a comunidade Matis, sendo que o seu tratamento estava sendo feito de forma errática e descontínua. Daí a necessidade de alertar sobre este fato aos órgãos governamentais competentes, a fim de prevenir o estabelecimento de novas doenças e o conseqüente aumento da mortalidade indígena.

UM ALERTA FINAL

O processo de extinção dos índios Matis iniciou-se ao primeiro contato com os brancos. Com esse contato criou-se uma relação de crescente dependência do próprio convívio com o branco, a tal ponto que, atualmente, a sobrevivência dos Matis está condicionada à assistência médico-hospitalar.

Urge, portanto, a permanência de um profissional da área da Saúde junto à tribo dos Matis, ao menos até o total desaparecimento da epidemia viral que ainda ameaça este povo.

Isto que acontece aos Matis pode ser estendido a todo o grande número de comunidades indígenas da região do rio Javari; em toda esta região inexistem quaisquer atuação profissional na área da Saúde. Portanto, cabe aqui alertar os órgãos competentes, em especial a Funai, quanto à necessidade da implantação de um projeto de saúde, de caráter assistencial e preventivo permanente nessa região, abrindo assim um imenso campo de trabalho e de pesquisa ainda inexplorado.